

Trabalho de Clarival do Prado Valladares apresentando
Ivan na Exposição comemorativa do IV Centenário no MAM-RS
25-3 e 25-4 - 1966

FANTASMAS DE IVAN SERPA

Clarival do Prado Valladares

Há certos artistas que exigem o conhecimento mais numeroso de seus trabalhos, de várias data, para a compreensão da obra que propõem, assim como da conduta que assumem em face das tendências, dos movimentos e meios de expressão da época.

São artistas que não podem ser mensurados e analisados por um único exemplo. Para eles a versatilidade não corresponde à insegurança, mas a uma efetiva participação do sentimento de contemporaneidade e tal se refletirá no próprio percurso.

Cada fase passa a constituir a projeção do tempo, caracterizando o estilo da época como situação universal sob interpretação pessoal.

Esta implicação não diminui, nem deteriora a afirmação de um estilo individual, embora o dificulte pois dependerá do grau de participação do artista nas idéias universais de cada data.

O público, doutra parte, se acostumou a pensar que o estilo individual seja mais o cacoete, mais a própria precariedade. Poucos sabem exigir a plenitude da presença do artista no sentimento de contemporaneidade. Note-se que nem há razão de se esperar o estilo individual quando o autor se situa, e se acomoda a uma linguagem superada, de uma data que ficou para trás encerrando as razões da motivação e emudecendo a mensagem que trazia.

Estilo individual é o acréscimo que o autor superpõe à linguagem estética universal do tempo.

Dentro de uma análise mais rigorosa, sob estes argumentos, poucos são os artistas reconhecíveis em alto nível de produção através de diferentes estilos.

Não é certo exigir-se fixação definitiva a um estilo de época, quando tal não significa mais que um movimento, um mero anseio de mudança dos meios expressivos, simples fenômeno efêmero, periódico. Especialmente quando as razões intelectuais e éticas cessam, os arautos se recolhem e os ingênuos (artistas) se tornam em órfãos abandonados.

Também não é certo se aplaudir a manifestação apressada, copiada, importada, por sua aparência de contemporaneidade. A aparência, a periferia do fenômeno, é a moda. O único atributo que assegura a autenticidade de uma obra de arte, como linguagem sincera e necessária de uma data, é o suporte da qualidade, em que se baseia como garantia da adoção de novos valores.

Dessa maneira a verdade de um momento não está na moda, porém na realidade estética. Esta pode constituir-se em termos de um gosto artístico momentâneo, mas não será feita para isto, pois enquanto a moda logo se extingue, a obra de arte permanece.

Permanece porque dispõe de amplitude temporal. A moda restará como resíduo de uma data, enquanto a inerência estética pereniza o núcleo mais verdadeiro, da obra de arte.

X - X - X - X - X - X - X

Sempre tive certa dificuldade em entender e acompanhar Ivan Serpa. Nunca, entretanto, desconheci nêle a qualidade, o domínio de desenho e de pintura que lhe permite assumir, com irritante tranquilidade, os novos capítulos que o tempo traz.

O mais intrigante e irritante de Ivan Serpa é êle dispôr dos meios naturais do talento e dos recursos do conhecimento com os quais assume não só o novo gênero como também o nível mais expressivo da tendência, ou do movimento, para súbitamente renegá-lo, entediado, ao tempo em que a manada dos pobres de espírito continua soletrando e gaguejando na presunção de possuídos da arte eterna.

Pensa-se, então, que Ivan Serpa não tenha continuidade, consistência, e, o que seria grave, quem não tenha uma constante da invenção, como atributo definidor de uma obra.

Contudo, a constante da invenção necessária como denominador de uma caracterização individual não corresponde a um determinado trejeito, perene a tôda a produção, mas a soma de qualidades do labor e da invenção que percorrem a obra, mesmo quando muda de fases, tendências e gêneros.

O verdadeiro estilo individual acompanha o artista e transcende ao estilo da época. Esta é a característica marcante de Picasso, apenas para mencionar o exemplo mais eloquente do fenômeno.

Se Ivan Serpa mudasse de gênero a fim de imitar o estilo individual de outrem, então não haveria razão de respeito nem por êle, nem por sua obra.

Após estudar os numerosos trabalhos datados desde os noventa e quatro e seis até os mais recentes, incluindo exemplos de comportamento figurativo, escolar e imaginativo, os primeiros abstratos, formais e informais, os geométricos, os lineares, os decorativos, de novo os de figura e até atingir a fase atual, cabe-me estabelecer as seguintes afirmações:

a) - a obra de Ivan Serpa se caracteriza por um consistente desenho, fundamental da composição, que êle aplica ao gênero que assume. Trabalhos da fase "concreta" mostram ordenação compositiva plástica correspondente aos da fase atual (figurativa-expressionista-fantasmagórica).

b) - o estilo individual do autor fundamenta-se na qualidade e na organização plástica, por conseguinte mais na problemática que na temática.

c) - a temática de Ivan Serpa é resultante de um processo de curiosidade intelectual. Há quem chame de pesquisa, mas prefiro dizer curiosidade intelectual, a este processo do artista buscar valores plásticos nos territórios mais diversos da expressividade humana (os desenhos e pintura dos primários, da criança, da arte-popular, etc.), procedimento idêntico ao de Paul Klee, cambiando êsses valores espontâneos para uma construção plástica consciente e racional.

d) - A identificação entre o artista e o estilo de época sempre se processa em termos de utilização de meios e materiais, restando, num plano superior, uma individualidade que não se acha comprometida, que não se acha hipotecada ao momento.

e) - A razão que impõe maior gravidade à produção recente (fase expressionista-fantasmagórica) corresponde ao que ocorre na relação do autor com a humanidade, em termos de um conflito que o tempo trouxe e que determinou no artista uma necessidade expressional.

Este foi o motivo, a determinante, dêle cessar suas construções racionais, lógicas, essencialmente lúdicas, e permitir aos instrumentos habilitados da pintura da inteligência uma mudança para a pintura da emoção.

X - X - X - X - X - X - X - X - X

Aquêles instrumentos habilitados, as mãos do artista, que fizeram um dia a construção euclidiana de valores geométricos dentro de um espaço intelectual, partiram de novo para a figura.

Mas não haveria de ser a figura do homem posto no mundo, sem julgamento. Não haveria de ser, nunca mais, o modelo de ateliê, a coisa vista no mundo exterior, escondendo e congelando a história dentro da alma. Teria que ser a criatura sob julgamento, com todo o pêjo da história e da destinação.

Dessa reflexão da imagem do homem assim como é vista e julgada no mundo interior do artista, no seu quadro psíquico, até a tela sob a carga do claro-escuro e de mais uma tinta de toque, em toda a veemência do diálogo com a adversidade, chega-se à pintura de fantasmas de Ivan Serpa.

Não há novidade nessas figuras, como condição humana. Há, sim, para a problemática pictorial, como objeto e construção, mas em verdade são a imagem bíblica dos patriarcas e profetas desafiando Deus quando viram o povo abandonado. São as figuras da execração, talvez da própria ressurreição de todos os mártires, de Roma, de Buchenwald e Dachau, que agora se levantam, como duendes, pelas mãos dos artistas, e nos indagam para que morreram.

Ivan Serpa constroi e conclui cada um de seus grandes quadros (de cerca de quatro metros quadrados) em uma única sessão de trabalho, que pode ir de duas horas a muitas, até terminar, sem parar. Trabalha gestualmente, quase. Mas não por conta do ímpeto im procedente e inconsequente, dos líricos, e sim do gesto que é fruto de toda uma vida de pintura, comandado pela sapiência do

artesão e pela emocionalidade do artista.

Para outros críticos, alguns estrangeiros, a atual pintura de Ivan Serpa identifica-se com a pintura-social muralista mexicana.

O teor de protesto, o motivo conflituoso, o caráter judicativo, certamente sugerem as coincidências.

Pessoalmente discordo dessa analogia. A pintura-social muralista mexicana é narrativa, cenográfica, alegórica e nitidamente situacional. Tais implicações em nada empequenecem o muralismo mexicano, merecidamente reconhecido como um dos frutos maravilhosos da humanidade atual.

A pintura de Ivan Serpa, desta fase mais recente, não é narrativa. É, essencialmente, expressionista, sintetizada a um único personagem, sempre dialogada entre face (componente estrutural) e fisionomia (componente dinâmico).

Não tem alegoria, texto, anedótico, episódio. Mas, em troca, tem uma excepcional carga histórica, remota e recente, desgraçadamente eternizada.

Se fôsse o caso de procurar melhor denominação, preferiria chamá-la de pintura bíblica.

Desta maneira estaria indicando a amplitude de universalidade, o teor de humanidade e a imprecisão.

Estes atributos parecem verdadeiros por que o conflito íntimo de Ivan Serpa ocorre entre o seu equipamento estético e o anseio ético.

O último transforma o primeiro em mero instrumento de uma nova expressividade.

Instituto de Arte Contemporânea